



## Universidades Lusíada

Martins, Guilherme Waldemar Pereira de Oliveira,  
1952-

### **Edgar Morin – Terra - Pátria : pensar o futuro...**

<http://hdl.handle.net/11067/5956>

<https://doi.org/10.34628/eank-m018>

#### **Metadados**

##### **Data de Publicação**

2021

##### **Resumo**

Ao celebrarmos o 100.º aniversário de Edgar Morin, devemos lembrar o seu contributo para o pensamento moderno. A complexidade não conduz à eliminação da simplicidade – pelo contrário, integra em si tudo o que ordena, clarifica, precisa e distingue, no processo de conhecer. Também relativamente à complexidade e à completude, importa afirmar que ambas não são confundíveis. Devemos falar, sim, do conhecimento multidimensional – que pressupõe a compreensão dos princípios da imperfeição, da incomple...

Celebrating the 100th anniversary of Edgar Morin, we must remember his contribution to the modern thought. Complexity does not mean elimination of simplicity – on the contrary, evolves everything which gives order, clarifies, precises and distinguishes the process of knowledge. In what concerns complexity and completion, we must say that they are different. We have to speak about multidimensional knowledge, which presupposes the comprehension of the principles of imperfection, incompleteness, and ...

##### **Tipo**

article

##### **Revisão de Pares**

no

##### **Coleções**

[ILID-CEJEA] Polis, s. 2, n. 03 (Janeiro-Junho 2021)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-26T17:20:57Z com informação proveniente do Repositório

# Edgar Morin – Terra - Pátria: pensar o futuro...

## *Edgar Morin - Earth - Motherland: thinking about the future*

*Guilherme d'Oliveira Martins*

Professor Catedrático Convidado da Universidade Lusíada

E-mail: [secgom@gulbenkian.pt](mailto:secgom@gulbenkian.pt)

DOI: <https://doi.org/10.34628/eank-m018>

**Resumo:** Ao celebrarmos o 100º aniversário de Edgar Morin, devemos lembrar o seu contributo para o pensamento moderno. A complexidade não conduz à eliminação da simplicidade – pelo contrário, integra em si tudo o que ordena, clarifica, precisa e distingue, no processo de conhecer. Também relativamente à complexidade e à completude, importa afirmar que ambas não são confundíveis. Devemos falar, sim, do conhecimento multidimensional – que pressupõe a compreensão dos princípios da imperfeição, da incompletude e da incerteza. A crise atual é multifacetada: é ecológica, pela degradação da biosfera; é demográfica, pela confluência da explosão populacional nos países pobres e da redução nos países ricos, com desenvolvimento de fluxos migratórios gerados pela miséria; é urbana, pelo desenvolvimento de megapólis poluídas e poluentes, com ghettos de ricos ao lado de ghettos de pobres; é da agricultura, pela desertificação rural, concentração urbana e desenvolvimento das monoculturas industrializadas; é ainda crise da política, pela incapacidade de pensar e de afrontar a novidade, perante a crescente complexidade dos problemas; é ainda das religiões, pelo recuo da laicidade, pelo emergir de contradições que as impedem de assumir os seus princípios de fraternidade universal. A ideia de crescimento ilimitado terá de dar lugar a novas perspetivas não só económicas e financeiras, mas sociais e axiológicas.

**Palavras-chave:** Terra-Pátria; biosfera; complexidade; crise; imperfeição; incerteza; conhecimento; compreensão; método.

**Abstract:** Celebrating the 100th anniversary of Edgar Morin, we must remember his contribution to the modern thought. Complexity does not mean elimination of simplicity – on the contrary, evolves everything which gives order, clarifies, precisifies and distinguishes the process of knowledge. In what concerns complexity and completion, we must say that they are different. We have to speak about multidimensional knowledge, which presupposes the comprehension of the principles of imperfection, incompleteness, and uncertainty. The present crisis is diverse: ecological, with the destruction of biosphere; demographic, by the coexistence between the growth of population in the poor countries and the reduction and ageing in the richest countries, with development of migrations due to poverty; urban, because of megacities highly agents of pollution, with ghettos of rich people and of poor people; agricultural, because of rural desertification, urban centralism and development of industrialized monocultures; also political, because of the incapacity of thinking and of assuming new realities and the complexity of problems; and also concerning religions with less laicity and the contradictions that are against the principles of universal fraternity. The

idea of unlimited growth must give place to new perspectives not only economic and financial but social and axiological.

**Keywords:** Earth-Homeland; biosphere; complexity; crisis; imperfection; uncertainty; knowledge; understanding; method.

No dia 8 de julho tive o gosto de enviar um grande abraço pelos maravilhosos cem anos! Edgar Morin é um amigo de Portugal. Acompanhou diretamente as vicissitudes da oposição à ditadura ou, apaixonadamente, a “revolução dos cravos” – “momento de êxtase na história portuguesa que, como todos os grandes êxtases da História, nos marcou para sempre com a sua poesia, iluminadora e fugitiva”, antes que o mundo voltasse a cair na prosa. Edgar Morin lembra intensamente esses tempos inolvidáveis e a fraternal amizade que estabeleceu com Helena e Alberto Vaz da Silva ou com António Alçada Baptista e o grupo de “O Tempo e o Modo”. E recorda o “esplendor de Lisboa” e as “maravilhosas amizades”. Hoje, continua a acreditar na mundialização como possibilidade de criação de uma comunidade de destino para as pessoas de todos os continentes em face dos perigos comuns (nucleares, ecológicos, económicos). E essa comunidade de destino permite-nos entrever a possibilidade de uma metamorfose não transhumana, mas para-humana, no sentido de uma humanidade melhor. Por isso, Morin fala de Terra-Pátria, que englobaria, sem as suprimir, as pátrias nacionais – na lógica de um pensamento político mais humano. E 2021 corresponde a uma etapa nova da aventura humana, com o paradoxo de todo-o-poder, por contraponto a toda-a-fragilidade humana. Como escreveu no “Le Monde” no dia dos seus anos: “Temos de compreender

que tudo o que emancipa tecnológica e materialmente pode ao mesmo tempo escravizar, como o primeiro instrumento que se tornou ao mesmo tempo uma arma, até à inteligência artificial, passando pelas máquinas industriais”.

De facto, a devastação da biosfera terrestre provocará múltiplos desastres naturais, inundações, desertificações, modificações climáticas, e já originou dramáticas migrações e conflitos, designadamente para a utilização da água e para a repartição dos recursos energéticos e alimentares. E alerta-nos para o paradoxo da atual crise do pensamento – em que a informação substitui a compreensão e em que os conhecimentos isolados e fragmentários mutilam e destroem o conhecimento em si mesmo. Estamos desarmados pela insuficiência do pensamento, poderoso no cálculo e na produção de algoritmos com os dados disponíveis, mas cego para o que caracteriza a história humana: o surgimento do inesperado e a presença permanente de incertezas, que se agravam num tempo de crise, e sobretudo numa crise gigante como a que temos. Há vacinas, mas falta solidariedade para partilhar o progresso por quem dele precisa, há avanços científicos, mas a lógica mercantilista e a concorrência desleal põem em causa a visão humanista, segundo a qual devemos ser melhores e não tanto maiores. Edgar Morin insiste numa ética do género humano, numa cidadania inclusiva e respeitadora das diferenças, em nome da cultura da liberdade, da dignidade e da paz.

Sou amigo de Edgar Morin, graças à amizade de Helena Vaz da Silva. Quando participei na definição do perfil dos alunos no final do ensino obrigatório recorri ao sete pilares que Edgar Morin considera essenciais para a Educação, numa cultura de autonomia e responsabilidade: prevenção do conhecimento contra o erro e a ilusão; ensino de métodos que permitam ver o contexto e o conjunto, em lugar do conhecimento fragmentado; o reconhecimento do elo indissolúvel entre unidade e diversidade da condição humana; aprendizagem duma identidade planetária considerando a humanidade como comunidade de destino; exigência de apontar o inesperado

*“A reflexão sobre a complexidade de Edgar Morin obriga a entender a célebre afirmação de Pascal: «considero impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, mas tenho por não menos impossível a possibilidade de conhecer o todo sem conhecer singularmente as partes»”*

e o incerto como marcas do nosso tempo; educação para a compreensão mútua entre as pessoas, de pertenças e culturas diferentes; e desenvolvimento de uma ética do género humano, de acordo com uma cidadania inclusiva. De facto, só poderemos compreender e assumir uma cidadania livre e responsável se ligarmos informação, conhecimento e sabedoria – e entendermos a complexidade.

A reflexão sobre a complexidade de Edgar Morin obriga a entender a célebre afirmação de Pascal: «considero impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, mas tenho por não menos impossível a possibilidade de conhecer o todo sem conhecer singularmente as partes». Há, assim, um vai-e-vem em que se funda a diligência de conhecer. É esta preocupação que permite devermos articular o uno e o múltiplo, o próximo e o distante, a teoria e a experiência... De facto, a complexidade está no coração da relação entre o simples e o complexo porque uma tal relação é a um tempo antagónica e

complementar. A ciência funda-se não só no consenso como no conflito. Ao mesmo tempo, evolui a partir de quatro colunas fundamentais: a racionalidade, o empirismo, a imaginação e a verificação.

Sabemos que há um diferendo permanente entre o racionalismo e o empirismo. A crise do positivismo desenvolveu-se, aliás, a partir desse confronto. As novas descobertas empíricas e o experimentalismo foram pondo em causa, de diversas maneiras, as construções racionais – que permanentemente se reconstituem e reconstroem constantemente a partir de novos elementos e fatores. Mas a complexidade não é uma receita, e sim um apelo à civilização das ideias. Daí que tenhamos de compreender que a barbárie é um risco com que temos de lidar, inerente às sociedades humanas. A barbárie é o descontrolo e pode coexistir com o progresso, pela fragmentação das relações humanas e sociais. Para Edgar Morin, a razão é evolutiva, mas traz no seu seio o seu pior inimigo – a irracionalidade. M. Horkheimer, T. Adorno e H. Marcuse alertaram-nos para essa situação e para esse perigo, considerando a circunstância de o século XX, que se anunciava como um tempo de paz e de progresso ter-se revelado como o mais sangrento e trágico de sempre, no plano mundial. A razão pode, de facto, autodestruir-se por um processo interno, que tem a ver com a hiper-racionalização como processo delirante. O delírio lógico, o delírio da coerência pode deixar de ser controlado pela realidade humana empírica. Eis por que temos de entender que a complexidade é um tecido de constituintes heterogéneos, inseparavelmente associados, que põem o paradoxo do uno e do múltiplo. Do mesmo modo, a desordem, a ambiguidade e a incerteza obrigam a uma especial atenção ao dilema permanente entre o ponto onde e como estamos e a interrogação sobre quem somos.

A complexidade não conduz à eliminação da simplicidade – pelo contrário, integra em si tudo o que ordena, clarifica, precisa e distingue, no processo de conhecer. Também relativamente à complexidade e à completude, importa afirmar que não são confundíveis. Devemos falar, sim, do

conhecimento multidimensional – que pressupõe a compreensão dos princípios da imperfeição, da incompletude e da incerteza. De facto, aspiramos a um saber não parcelar, não fechado, não redutor e ao reconhecimento dos limites, ou seja, do carácter incompleto de todo o conhecimento. Não podemos esquecer T. S. Elliot: «Qual o conhecimento que perdemos na informação e qual a sabedoria que perdemos no conhecimento?» Afinal, temos de corresponder ao desafio atualíssimo de transformar a informação em conhecimento. Se as novas tecnologias nos permitem avançar muito na recolha de informação, a verdade é que fica a faltar a ligação ao conhecimento. E neste ponto o grande desafio da humanidade respeita à aprendizagem – o que distingue o desenvolvimento do atraso não são as matérias-primas ou os recursos materiais, mas a capacidade de aprender mais e melhor. É o saber de experiências feito que deve ser lembrado e valorizado.

«A complexidade considera o diálogo ordem / desordem / organização. Mas, por detrás da complexidade, a ordem e a desordem dissolvem-se, as distinções entre elas desvanecem-se. O mérito da complexidade está a denúncia da metafísica da ordem. Como dizia Whitehead, subjacente à ideia de ordem havia duas coisas: a ideia mágica de Pitágoras, segundo a qual os números são a realidade última, e a ideia religiosa, ainda presente em Descartes como em Newton, segundo a qual o entendimento divino é o fundamento da ordem do mundo. Ora, quando se retirou o entendimento divino e a magia dos números o que restou? As Leis? Uma mecânica cósmica autossuficiente? É essa a verdadeira realidade? É essa a verdadeira natureza? A essa ideia débil, (diz Edgar Morin), oponho a ideia de complexidade». Para Edgar Morin, «a gigantesca crise planetária é a crise da humanidade que não consegue aceder à humanidade». Duas barbáries coexistem e agem sem contemplações: a que vem da noite dos tempos e usa a violência; e a barbárie moderna e fria da hegemonia do quantitativo, da técnica e do lucro. Ambas levam-nos ao abismo. Contudo, importa entender o que Hölderlin nos ensinou: «onde cresce o perigo, cresce também o

que salva». A globalização pode trazer-nos fatores positivos sobre o que pode unir a humanidade no sentido da paz. A consciência de uma Terra-Pátria é ainda marginal e disseminada. Edgar Morin propõe a ideia de metamorfose, improvável mas possível, como alternativa à desintegração provável. A natureza está cheia de exemplos de metamorfoses – a lagarta encerra-se na crisálida. A noção de metamorfose é mais rica que a de revolução, uma vez que preserva a radicalidade transformadora, ligando-a à conservação da vida e à herança das culturas. Sendo impossível travar a tendência que conduz aos desastres, devemos pensar que as grandes transformações começam com uma inovação, uma nova mensagem marginal, modesta, tantas vezes invisível... Será preciso, no fundo, ao mesmo tempo, mundializar e desmundializar, crescer e decrescer, desenvolver e envolver, conservar e transformar. As reformas políticas, económicas, educativas ou da vida só por si estarão votadas à insuficiência e ao fracasso. Como tem sido evidente na pandemia que sofremos, a catástrofe está no horizonte, mas é possível inverter o curso dos acontecimentos. E Morin recorda dois exemplos marcantes de tempos muito diferentes. A resistência vitoriosa por duas vezes da pequena cidade de Atenas perante o poder formidável dos persas, cinco séculos antes da nossa era, foi altamente improvável, mas permitiu o nascimento da democracia e da filosofia. Do mesmo modo, foram tão inesperados como improváveis o atraso e o congelamento da ofensiva alemã em Moscovo no Outono de 1941 e depois a contraofensiva vitoriosa de Jukov em 5 de Dezembro, seguida no dia 8 pelo ataque a Pearl Harbour que fez entrar os Estados Unidos na Guerra. A História reserva-nos inúmeros exemplos que nos permitem alimentar esperanças, desde que haja capacidade de autocritica e mobilização de vontades, em torno de objetivos inteligentes e justos. Com Terêncio temos de entender que nada do que é humano nos pode ser estranho. E quando alguém pergunta o que é a identidade europeia, Edgar Morin recorda a sua ideia de uma «comunidade de destino», capaz de congrega a consciência das diferen-

ças e a importância do outro. Prefiro usar a expressão comunidade plural (e democrática) de destinos e valores. E se falo de «comunidade», dou-lhe o sentido de pessoa em comum (*gesamtperson*, de que falava Landsberg). A cultura é o que diferencia e a civilização é o que difunde a criatividade humana. A identidade corresponde, assim, à exigência de um caminho comum e partilhado. Impõe-se perceber que, na expressão de Denis de Rougemont ou de Daniel Bell, o Estado atual é grande e pequeno demais para responder aos problemas contemporâneos. Quando surge, por fim, a pergunta sobre o que caracteriza uma ética europeia, na linha de Montaigne, E. Morin responde que o universalismo e a capacidade autocrítica são as características europeias fundamentais. Precisamos, no fundo, de uma Europa criativa que aceite a imperfeição, aberta ao mundo, universalista e cultora da crítica, capaz de incorporar um caminho que possa favorecer a ideia fecunda de metamorfose!

Em “La Voie – Pour l’Avenir de l’Humanité” (Fayard, 2011), Morin apresenta, de um modo clarividente, um conjunto muito de propostas para ultrapassar a crise global que vivemos, mas, mais do que isso, para compreender as raízes do mal que nos atinge globalmente e que exige respostas urgentes, corajosas e determinadas – que ultrapassem a mera lógica do curto prazo. Ernesto Sabato, o grande escritor argentino afirmou que «só há um modo de contribuir para a mudança, é a recusa da resignação». E Edgar Morin concorda, preocupado que está com as fragilidades que estão a destruir os fundamentos de uma humanidade consciente das tarefas fundamentais que tem de assumir num tempo de incerteza e de risco de destruição. Nos tempos em que vivemos, plenos de contradições, em que os erros e as responsabilidades são de todos, apesar da tentação de criar bodes expiatórios, tantas vezes falsos e ilusórios, para que o caminho de autodestruição possa continuar sem grandes sobressaltos, Morin lança um alerta – o de que se impõe impedir que persista o fatalismo, segundo o qual nada poderemos fazer para inverter a perigosa situação de que acabamos de tomar consciência, atra-



vés de uma crise financeira que nos abala e que é tudo menos momentânea. Estão profundamente enganados os que pensam poder voltar à velha mentalidade imediatista e à corrida vertiginosa que confunde economia e ficção. “No sabemos lo que pasa y eso es lo que passa” – Ortega y Gasset disse-o, e hoje sentimos que se trata de uma ilustração do que nos acontece. Mas Edgar Morin não corre atrás das tentativas de perceber os últimos acontecimentos. Fala-nos, antes, da cegueira de conhecimento que compartimenta os saberes e desintegra os problemas fundamentais e globais, que necessitam de um conhecimento transdisciplinar. Refere-nos que o ocidental-centrismo apoia-se apenas na racionalidade e dá-nos a ilusão de possuir o universal. E assim não é apenas a nossa ignorância, mas também o nosso conhecimento que nos cega.

A crise planetária, com que lidamos mal, resulta da inexistência de autênticos dispositivos de regulação. A crise global não se resume, assim, a um acidente provocado pela hipertrofia do crédito, a qual não se deve apenas ao problema de uma população empobrecida pelo encarecimento dos bens e serviços, obrigada a manter o nível de vida pelo endividamento. Edgar Morin aponta o dedo à especulação do capitalismo financeiro nos mercados internacionais (do petróleo, dos minerais e dos cereais) e ao facto de o sistema financeiro mundial se ter tornado um barco à deriva, desligado da realidade produtiva. E cita Patrick Artus e Marie-Paule Virard, no seu livro anterior ao “crash” do Outono de 2008, intitulado «Globalisation: le pire est à venir» (La Découverte, 2008): «O pior ainda está para vir, em resultado da conjugação de cinco características maiores da globalização: uma máquina inigualitária que mina os tecidos sociais e atíça as tensões protecionistas; um caldeirão que queima os recursos raros, encoraja as políticas de concentração e acelera o reaquecimento do planeta; uma máquina que inunda o mundo de liquidez e que encoraja a irresponsabilidade bancária; um casino onde se exprimem todos os excessos do capitalismo financeiro; uma centrifugadora que pode fazer explodir a Europa». Em suma, as de-

*“Numa palavra, «o humanismo universalista – afirma Morin - decompõe-se em benefício das identidades nacionais e religiosas, quando ainda não se tornou um humanismo planetário, respeitando o elo indissolúvel entre a unidade e a diversidade humanas»”.*

sigualdades que eram consideradas despiencias afetaram gravemente a eficiência e a equidade, através da fragilização do capital social (como há muito alertava Robert Putnam). A lógica de casino agravou os efeitos de um ciclo especulativo de consequências muito nefastas, como há muito alertara o insuspeito Vilfredo Pareto. Os egoísmos nacionais somaram-se, ainda por cima, a uma falsa consciência ecológica, incapaz de considerar o essencial, cedendo aos grupos de pressão e a perversos interesses.

A crise é multifacetada: é ecológica, pela degradação da biosfera; é demográfica, pela confluência da explosão populacional nos países pobres e da redução nos países ricos, com desenvolvimento de fluxos migratórios gerados pela miséria; é urbana, pelo desenvolvimento de megacidades poluídas e poluentes, com ghettos de ricos ao lado de ghettos de pobres; é da agricultura, pela desertificação rural, concentração urbana e desenvolvimento das monoculturas industrializadas; é ainda crise da política, pela incapacidade de pensar e de afrontar

a novidade, perante a crescente complexidade dos problemas; é ainda das religiões, pelo recuo da laicidade, pelo emergir de contradições que as impedem de assumir os seus princípios de fraternidade universal. Numa palavra, «o humanismo universalista – afirma Morin - decompõe-se em benefício das identidades nacionais e religiosas, quando ainda não se tornou um humanismo planetário, respeitando o elo indissolúvel entre a unidade e a diversidade humanas».

A ideia fixa do crescimento contínuo e interminável não pode continuar. A evolução das ciências sociais e humanas obriga a entendermos a atual crise como uma via de repensamento – não apenas das circunstâncias económicas e financeiras, mas também das implicações sociais e axiológicas. A persistência nos erros que conduziram à atual situação levará a que os males das ilusões e das aparências se somem à incapacidade de perceber que os recursos escassos e que o meio ambiente estão a ser destruídos irreversivelmente. Tudo tem, afinal, a ver com o facto de o ganho a todo o custo ter substituído na ciência económica a consideração de que é a pessoa humana e a sua dignidade que têm de estar no centro da satisfação das necessidades, compreendendo-se o que François Perroux ensinava sobre o facto de o que tem mais valor ser o que não tem preço...

#### **Bibliografia:**

AAVV, “L’Avenir de Terre-Patrie – Cheminer avec Edgar Morin” (dir. Alfredo Pena-Vega), Actes-Sud, 2021.

Edgar Morin, “Les Sept Savoirs Necessaires à l’éducation du Futur”, Seuil, 2000.

Id., “Pour Entrer dans le XXIe Siècle”, Seuil, 2004.

Id., La Voie – Pour l’Avenir de l’Humanité”, Fayard, 2011.